

nado pelo mysterioso d'aquella composição vigorosissima, que ellas procuram interpretar o melhor que podem, assim collocadas diante de uma musica, cujos magicos effeitos demandam muito mais abundante copia de estudos, vigor de execução e sentimento artistico, no dizer de um chronista da imprensa diaria.

Mesmo sem medir a differença entre a musica e sua execução ao piano, deixo-me arrastar nas fantasias d'aquelle sonho, que nos conduz atravez das regiões do azul, caminho do ideal.

Batem palmas os outros, em quanto eu cerro os olhos, procurando reatar o sonho q' as palmas interromperam.

Desperto, emfim, para outra phantasia.

As primeiras arcadas de um violino dissipam os frocos de azul e dispersam no céu do sentimento nuvens roseas, muito niveas, que se movem, que se agitam e dançam.

Impressão toda diversa. Aqui sonha-se tambem, mas sonha-se accordado, muito accordado mesmo. Não ha ensejo para scismas. Passam cantando legiões de anjos, dançam ondinas e nereidas.

Soberba transição, contraste magnifico. São as duas culminações da sessão musical. Para mim ao menos que não ouvi o resto e agora tenho tempo de demorar a vista pela matiz das sedas, lustrando orgulhosas á viva luz do gaz.

E' brilhante o aspecto da sala. Aquella immobilidade do auditorio tem uma imponencia soberba. Só os leques, como grandes borboletas de variegadas côres, agitam se diante dos rostos incendidos, tirando scintilla-

ções aos diamantes dos braceletes.

Depois vem o movimento, a cofusão, o borborinho sem pausa, sem interrupção. E' a vez da dança.

A quadrilha move-se gravemente, a walsa desenrola-se phrenetica.

Excellente para guardar as impressões de um concerto. Podia ser sempre assim.

E até dou de graça esta ideia á directoria do club :

Alternar com boa musica de concerto as diversas marcas de danças annunciadas no programma de todas as partidas.

Bonito, novo e facil.

Não tem errada e é curto o caminho dos salões ao theatro, nas chronicas da imprensa, pelo menos.

A estação pomposamente denominada dramatica, no amphiguri dos cartazes, interrompeu-se por pouco tempo, mas prepara se para continuar a sacudir a poeira dos seculos dos dramalhões q' dormem o somno eterno e figuram como soes apagados na saudade dos nossos avós.

Aos *Milugres de S. Antonio*, que foram mesmo um milagre para as receitas da empresa Balsemão, vae succeder o archeologico 29 em espectáculo de gala, hoje, dia dos annos do nosso velho rei enfermo, 2.<sup>a</sup> recita da companhia S. Braga.

Cabe aqui uma nota. O 29 esteve em ordem de marcha para deitar o nariz fóra de seu sarcophago, ha uns bons 8 dias. Teve, porem, de desmanchar carreira, porque faltou-lhe tropa para a guarnição do scenario, escola de recrutas, pandegas na *companhia*, escolta de execução etc.

O exercito, que já não está

para diligencias de pegar escravizados, fazer eleições etc., só quer ao theatro para camarote ou cadeira. Isso de comparceria não lhe serve.

Por isso teve o S. Braga de demoar a exhibição, emquanto preparava meia duzia de batatudos para supprir a falta.

E d'ahi como e porque no faustoso anniversario d'el-rei temos em grande gala o 29, para *honra e gloria* das instituições juradas e da estação dramatica.

Depois teremos os *Milugres de S. Benedicto*, que por ser preto não a de ficar ao canto, ao passo que seu virtuoso irmão colhe palmas, e *herua* para a empresa que lá se foi.

O Passeio Publico tambem nos tem offerecido bons espectaculos

A'noute, por um luar «descaradamente bonito» legiões de moças em grupos de altissima confabulação e risota. Musica, exhibição de jaburús e corujas e, *par dessus le marché*, projecções de luz oxydrica, que é assim como o outro que diz lanterna magica, cosmorama ou o que o valha.

Tudo isso, porem, serve apenas de prologo a muita outra cousa boa e nova que se prepara para offerecer-nos o nosso incansavel amigo e quasi patricio Mr. De Viremont.

O laborioso e intelligente cidadão tem projectos altamente dignos do apoio e coadjuvação da gente de bom gosto, que vé claro e longe.

Assim não lhe falte o precioso capital de nossas disposições sympathicas e amor ao progresso, como a mim falta espaço para proseguir.

J. L.

## ANNUNCIOS

## PASSEIO PUBLICO

BRILHANTE EXPOSIÇÃO

DE

QUADRGs

à luz oxydrica

Domingo haverá melhor e mais commoda installação.

Preparam-se grandes surpresas.

No recinto reservado p gase de entrada:

Adultos	300 Réis.
Crianças	200 «

## Pharmácia Albano

## GRANDE DEPOSITO

DE

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras.

Sortimento completo de homoeopathia em tintura, globulos e cartei-ras. Receitas a qualquer hora. Preços modicos.

36--RUA DA BOA-VISTA--36

CEARA'

0--RUA DO MAJOR FACUNDO--70

## CAFE JAVA

NO ELEGANTE KIOSQUE

DA

Praça do Ferreira

Em frente ao paço municipal.

Café fabricado a capricho.

Chocolate unico, como só aqui se fabrica.

Cerveja fria.

Charutos finos e cigarros fabricados especialmente para

CAFE' JAVA

Manoel Pereira dos Santos.

## LOTERIAS CEARENSES

GARANTIDAS

NOVO PLANO

Extracções todas as semanas, sem transfe-rencia. Bilhetes à venda nas ca-sas de Ernesto Vidal, J. Eugenio e na

Thesouraria das Loterias.

## LIBERTADORA

48--Rua da Boa-Vista--48

Este immenso estabelecimento sem duvida é o mais notavel na provincia, e que com o systema adoptado até hoje, de vender com insi-gnificaute lucro, e servir a todos os seus freguezs com rigoroso cmiero, conquistando; assim, a mais plena confiança; recebe-se mensalmente de Paris o qua ha de primoroso em FAZENDAS, MODAS E NOVIDADES

Vende suas mercadorias por preços quasi impossiveis, merecendo assim a **Popularidade e sympathia** do muito illustra-do publico cearense,--especialmente das Exm.<sup>as</sup> Sras.

Contando cinco annos de existencia este notavel estabelecimento, cujas vantagens são aliás reconhecidas por seus proprios collegas, seus proprietarios não tem poupado esforços para melhorar cada vez mais o seu systema em proveito geral, tendo sempre sortimento profuso e es-colhido de tecidos do mais apurado gosto e novidade.

## SILVA CARNEIRO &amp; C.

Importadores  
CASA DE COMMISSÕES

ARMAZEM DE ESTIVAS

## MERCEARIA

Generos de superior quali-dade por todos os vapores, di-rectamente.

Sortimento de vinhos finis-simos.

Rua Formosa--72

## CONFUCIO

Unico estabelecimento especia-en. artigos para

Uso domestico

Louças, vidros, mobílias etc.

Objectos para viagens, brinquedos para crianças.

ARTIGOS PARA JOGOS

Utensilios para escriptorios, ba-nheiros, etc. etc.

59--Rua do Major Facundo--59

Motta Vieira & C.<sup>a</sup>

88--Major Facundo--88

FORTALEZA

Importadores e ex-portadores.

GUILHERME ROCHA & C.<sup>a</sup>

Drogaria



Drogaria

17 RUA FORMOZA N.º 17

## ALFAIATARIA

DE

OLEGARIO A. DOS SANTOS

Praça do Ferreira n.º 34

Obras feitas, batinas, capas ro-manas e um grande sortimento de obras francezas e roupas por medi-da.

J. WEILL & C.<sup>a</sup>

A mais antiga casa de JOIAS desta provincia tem sempre es-colhido sortimento de tudo que diz respeito a

JOALHERIA

RELOGIOS de todos os generos  
Compram sempre ouro ve-lho e moedas.

# A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

GERENTE—JOSÉ OLYMPIO DA ROCHA.

N.º 21

FORTALEZA, 15 DE DEZEMBRO DE 1887.

## REDACÇÃO:

JOÃO LOPES, JOSÉ CARLOS JUNIOR, ABEL GARCIA, A. MARTINS, OLIVEIRA PAIVA, ANTONIO BEZERRA, JUSTINIANO DE SERPA, PAULINO NOGUEIRA E MARTINHO RODRIGUES.

## SUMMARIO

Expediente;  
O suicidio como consequencia da falta de convicção.—R. DE FARIAS BRITO;  
Lyricas.—ANTONIO SALLES;  
Barões Assignalados.—PAULINO NOGUEIRA;  
Historia natural.—RODOLPHO THEOPHILO;  
Annuncios.

## EXPEDIENTE

### Assignaturas

CAPITAL	
Trimestre . . . . .	2\$000
Semestre . . . . .	4\$000
Anno . . . . .	8\$000
INTERIOR E PROVINCIAS	
Semestre . . . . .	5\$000
Anno . . . . .	10\$000

### ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 36

## O suicidio como consequencia da falta de convicção

O suicidio longe de ser a negação do querer-viver, ao contrario é uma das affirmações mais energicas da vontade.

(SHOPENHAUER)

Pensamos desta maneira: em condições normaes só ha duas especies possiveis de suicidio—o suicidio do

homem sem religião e o suicidio do homem de bem que por condições excepcionaes se tornou criminoso.

Tal é theoria que vamos desenvolver

Convem, porem, desde logo acrescentar uma nota, e vem a ser que a palavra religião está aqui empregada em sua significação mais geral; quer dizer não uma forma especial de culto, porem o conjuncto de nossas convicções, a maneira especial porque cada um comprehende os seus destinos e as suas obrigações. Sendo assim, sustentamos sem a menor vacillação o principio estabelecido e acrescentamos: fora d'isto o suicidio será sempre o resultado de algum accidente pathologico do espirito.

**Suicidio do homem sem religião.**— Não ha muitos dias por occasião de uma longa e variada discussão a respeito do suicidio, tratando-se accidentalmente do Dr. José Facó, esse inditoso cearense a quem tão cedo a fatalidade roubou às glorias litterarias de nossa provincia, alguem lembrou-se de perguntar: qual foi a causa que levou esse infeliz moço ao suicidio?

—Eu sei, disse um outro, um bom homem de seus quarenta e oito annos de idade, temperamento fleumatico, respeitavel não somente por suas maneiras distinctas, mas, sobretudo por seu character; eu sei, repetiu; não é a primeira vez que tenho deplorado factos desta natureza. O Dr. Facó pertencia ao numero d'aquelles que se deixaram arrastar por esta peste da impiedade. Infeliz moço! Terminou como muitos outros que eu tenho conhecido: suicidou-se.

Foi destas proposições que me veio a idéa de escrever estas linhas.

Offerece-se ahi um vastissimo e complicado problema. Na provincia offerece alem do Dr. Facó o exemplo de Joaquim de Souza, o de Childerido Faria e outros.

Esse facto só nos pode inspirar compaixão e tristeza, mas a maneira porque se argumenta a respeito é esta: não é possivel ter um fim qualquer a realisar neste mundo desde que se deixa de lado a religião. A religião é a verdadeira riqueza d'alma. Sem religião a alma fica nadando no vacuo. D'ahi a falta de um ponto de apoio, d'ahi o des-

equilibrio e a morte.

Analysemos os factos.

Os exemplos repetidos constituem lei. Dar-se-á realmente o caso de que a falta de religião dê em resultado a tendencia para o suicidio? Os mais tolerantes, considerando uma coisa como consequencia da outra, attribuem o suicidio do atheu ao vacuo deixado no espirito pela ausencia de religião. Outros vão mais longe e consideram-n'o como um castigo do céu.

Releva antes de tudo notar que a falta de convicção sobre a existencia de deus, não importa a ausencia absoluta de religião. Basta em apoio desta verdade lembrar o facto da religião ultimamente creada na França, a fallada religião da humanidade, aliás com forma exterior de culto e que é uma verdadeira religião sem deus. Depois a maneira porque entendemos aqui a palavra religião exclue inteiramente esse ponto de vista. Quando, portanto, se falla de suicidio do atheu, esta expressão para nós não tem a mesma significação que esta outra—suicidio do homem sem religião. O atheu pode ter uma religião muito pura, do mesmo modo que muita gente que vive todo o dia a resar e a fazer penitencia nos templos pode ser absolutamente sem religião.

Esta consideração nos dispensa de toda e qualquer discussão sobre o caso figurado. Todavia é sempre bom lembrar o seguinte: o suicidio quando não signifique outra coisa, pelo menos revela sempre um conflicto excepcional de paixões antagonicas, muita miseria ou muita loucura, grandes aspirações ou grandes receios, desejos que morreram sem que os alimentasse o sopro da mais ligeira esperanza, paixões suffocadas ao embate terrivel da adversidade, idéas extraordinarias que abateram o vigor do espirito e revolveram as profundezas da alma. Em todos os casos o suicidio revela sempre um character energico.

Uma combinação admiravel de elementos variados dirige os movimentos da communhão social. Todas as manifestações o espirito humano, o que ha de grande e o que ha de pequeno, todas as aspirações e todos os desejos, desde o heroismo até a brutalidade, desde a paixão que eleva até o interesse cego

que deprava, desde o amor até a deshumanidade, tudo tem a sua significação, tudo se manifesta e exerce a sua missão no mecanismo da vida.

Em uma sociedade pequena não se pode ter desse facto uma compreensão sufficientemente clara. A vida é ahí muito simples, os desejos sem grande vigor, as paixões sem intensidade; é raro um sentimento capaz de abalar os arcanos da organização e produzir a cegueira do espirito, como frequentemente se observa nos grandes centros populosos.

Alem d'isso a sociedade é quasi sempre injusta. Sente-se o menor arranhão em nosso corpo e entretanto não se enxerga a ferida cruel que vaé consumindo as carnes de um outro.

Todos querem ser tratados com distincção, cada um ambiciona o respeito, o prazer e a felicidade e entretanto não se ouve os gemidos de um desgraçado que a sorte abandonou à miséria.

—Que importa a sua ruina? dizem. Foi um bruto que se matou a si proprio e que por consequencia era capaz de matar o genero humano.

Contudo, ninguem passará com indiferença absoluta pelo cadaver de um suicida. E' lei invencível respeitar o infortunio, admirar o excepcional.

Emquanto não tiver desaparecido o ultimo vestigio dos sentimentos de humanidade, enquanto existir no coração do homem algum resto de compaixão, ter-se-á de experimentar alguma cousa alem da simples indiferença em face dos espectaculos desta natureza. Demais os proprios brutos revelam experimentar algum sentimento, alguma excitação mais que puramente animal em face da morte.

Isto torna-se ainda mais saliente quando a morte foi o resultado de um suicidio. Não se pode comprehender o suicidio senão da parte daquelle que soffre. O suicidio sem soffrimento é inadmissível porque não se comprehende que se desponha a acabar com a vida quem vive gosando. O homem, portanto, só pode resolver-se ao suicidio quando uma grande dor o feriu no que ha de mais elevado, quando circunstancias extraordinarias o fizeram convencer-se de que a vida é um mal irremediavel. O suicidio é, pois, a mais elevada manifestação do desespero, o mais alto grau de dor.

Vê-se deste modo que a doutrina daquelle que consideram o suicidio do atheu como um castigo do céo, é não somente absurda, porem extremamente cruel. E', pois, inutil analysar semelhante doutrina, que demais suppõe a acceitação de tanta superstição ha por ahí nas camadas menos cultas da sociedade, co-

mo sejam as creuças em milagres, em resas e em castigos supra-terrestres.

Consideremos, pois, a doutrina daquelle que attribuem o suicidio do atheu ao vacuo deixado no espirito pela ausencia de religião.

Estamos em frente a umá theoria mais elevada e mais racional. Podemos discutir oppondo factos a factos, idéas a idéas, sem ser necessario entrar no terreno da investigação theologica e explorar o dominio das causas sobrenaturaes.

Já não se suppõe mais que uma ventade suprema, revoltando-se contra o atheu pela sua ousadia, resolveu vingar-se determinando-o para o suicidio. Considera-se que com a extincção da convicção religiosa, dá-se no espirito uma grande revolução: essa revolução vaé ter no desequilibrio e esse desequilibrio na morte.

Não vacillamos em afirmar que essa doutrina não é inteiramente sem fundamento; mas é necessaria exprimir-a de uma maneira mais ampla.

Não é propriamente a falta de religião (no sentido restricto em que empregamos agora esta palavra) que poderá levar muitas vezes o homem ao suicidio, porem uma cousa mais geral e mais comprehensiva, isto é, a falta de convicções formadas: tal é o ponto a que pretendiamos chegar.

Não foi sem algum proposito que começamos tratando do Dr. Facó, de Joaquim de Souza e Childerico Faria. Alem das qualidades notaveis de que eram dotados, cada um delles offerece um curiosissimo objecto de estudo. Poderia-se entrar em longas considerações a proposito de cada um d'elles.

Quanto a Joaquim de Souza, cujos versos são bem conhecidos em nossa provincia e revelam um grande vigor de imaginação, pensamos que o seu suicidio foi o resultado de uma exageradissima exaltação romantica que tocava aos limites da loucura. O moço poeta deixou-se arrastar por alguma paixão que circunstancias fataes tiveram de suffocar, e seu genio amante do excepcional, deixou-se levar pela onda da eschola satanica. Fechou-se diante de seu espirito o céo que elle via sempre brilhante na quadra mais luminosa de sua vida infantil. Logo tornou-se um espirito que vagava nas navens sem direcção e sem base.

Quanto aos outros é para crer-se que o seu suicidio fosse o resultado de circunstancias excercionaes de sua vida. Tiveram de lutar contra a fatalidade. A vida se lhes afigurou como uma serie de males e não se sentiram com forças para atravessar o abyssmo.

Ha casos em que com effeito a morte parece «uma libertação.» Fa-

có e Childerico Faria pensavam talvez deste modo. Foram duas aguias a que faltou espaço para voar: foram procurar com a morte a luz de que precisavam.

O que, porem, fóra de duvida é que a causa principal da sua morte foi esta: a fallade um idéal, a falta de uma convicção. As almas vulgares podem viver, como vivem os brutos, unicamente para comer e dormir. Com as intelligencias esclarecidas, porem, não acontece o mesmo: precisa-se de uma outra cousa alem da satisfação destas necessidades que constituem propriamente a vida material: precisa-se de satisfazer as necessidades do espirito, precisa-se de conhecimento e de amor.

O bruto satisfaz a sua necessidade como uma torrente que desce do alto, dirige-se ao ponto que tem em vista e para que chegue até lá, é indifferente que só tenha de caminhar pelas trevas. As almas de elite querem a luz: o ponto a que se dirigem fica no alto, é preciso subir. D'ahi a dificuldade e a lucta.

Sabe-se que Facó e Childerico Faria haviam rompido contra as velhas idéas tradicionaes que todos bebemos no berço. Não tinham medo do inferno, mas tambem não acreditavam no céo. Si a vida lhes tivesse corrido sempre bem, sem duvida não teriam procurado refugiar-se na morte.

O goso não acostuma a amar a vida e a repugnar a morte. Não aconteceu porem assim. Tiveram de ver-se collocados em situações mui difficeis. Então tem-se necessidade de uma convicção que nos possa dar força: era o que lhes faltava.

Nenhum homem de espirito esclarecido poderá viver sem uma convicção que possa fortalecel-o e guial-o atravez das grandes difficuldades da vida. A esta convicção, isto é, ao fundo de nós mesmos, ao modo porque concebemos as cousas e encaramos as condições de nossa existencia, devendo promover o desenvolvimento deste ou d'aquelle principio, trabalhando pela realisação d'esta ou d'aquella idéa, é que em sentido geral chamamos religião. Pelo menos na occasião da lucta, quando nos achamos collocados em uma situação complicada e difficil, sendo preciso remover obstaculos insuperaveis, é ella indispensavel, e quando faltar-nos em condições desta ordem com toda a segurança poder-se-á afirmar: está tudo perdido.

Tal foi a religião que faltou ao Dr. Facó, a Joaquim de Souza e a Childerico Faria. Em verdade não se comprehende que um homem que tem uma comprehensão racional da marcha das cousas para recorrer ao suicidio como meio de salvação. O suicidio é o desespero e a immobilidade; a natureza só nos inspira

esperança e acção. Por mais desesperadas que sejam as condições em que nos achemos collocados, por mais difficil que seja a nossa situação, desde que pomos de parte as nossas misurias e consideramos a magestade infinita do espectáculo que se desenrola diante de nós, é impossivel deixar de readquirir confiança. De nada somos autores, de nada somos culpados. As cousas se movem indefinidamente através de nós e a nossa influencia sobre a marcha dos acontecimentos é inteiramente passiva. Aquillo mesmo a que chamamos nossa actividade é determinado por causas desconhecidas.

Neste caso a revolta é não somente um absurdo, porem, mesmo um acto de verdadeira loucura. Devemos aceitar a natureza como ella é. Demais toda a revolta, mesmo a do suicidio é inutil, porque o suicidio anniquila o individuo, mas não anniquila a especie: e suicidando-se o homem entrega-se como que a uma especie de explosão, mas os estilhaços do corpo ficam sempre sujeitos á dor: tal é a consequencia inevitavel da theoria palingenetica renovada por Shope-thauer.

R. DE FARIAS BRITTO.

(Continúa)

## LYRICAS

### III

Lá das infindas regiões  
Chovia o deslumbramento  
Do luar brando alvacento,  
E as louras constellações,

Pintavam, n'esse momento,  
Milhares de corações  
Jorrando scintillações  
No seio do firmamento.

Uma estrella acompanhava  
A lua que divagava  
Tão luminosa e tão nua...

E eu dizia, oh minha bella,  
Que minh'alma era essa estrella  
E que tua alma era a lua !...

### IV

Hontem perguntou-me a aurora:  
"Daquella que tanto ria  
Porque sinou-se a alegria?  
Porque não ri como out'ora?"

Transformou-se a voz sonora  
Das aves, n'uma elegia;  
A bonina anda sombria,  
E todo o jardim descora...

Nas noutes pesadumbrosas

As dhalias, jasmins e rosas  
Soltam soluços sem fim. ."

Vês, filha? a tua tristeza  
Entristece a natureza  
E me desespera a mim!

ANTONIO SALLES.

## BARÕES ASSINALADOS

Abre Camões o seu poema,  
compromettendo-se logo nas  
duas primeiras estancias do  
1.º Canto a cantar, espalhando  
por toda a parte, se a tanto  
lhe ajudasse o engenho e  
arte,—as armas e os «Barões  
assinalados».

De que desempenhou-se  
bem desse formal e patriotico  
compromisso, a memoravel  
festa do *Tricentenario*  
de o mais esplendido documento,  
afirmando a immortalidade  
em que vive aquelle, de quem  
Garrett já dizia que não era  
uma litteratura, mas uma  
nacionalidade.—

Aquelle cuja lyra sonora  
Será mais affamada que ditosa.

O que queremos investigar  
agora é quem foram esses  
«Barões assinalados»; si  
reaes *titulares* ou apenas—  
peitos illustres lusitanos,  
que por obras valorosas se  
foram da lei da morte libertando.

Os nomes proprios desses  
peitos illustres lusitanos o  
Poeta os declina em epicos  
versos, que nos dão logo a  
tentação de repetil os:—

..... vos darei hum Nuno fero,  
Que fez ao Rei, e ao reino tal ser-  
(viço;  
Hum Egas, e hum Fuas, que de Ho-  
(mero  
A cithara para elles só cubiço.

Pois pelos doze Pares dar-vos quero  
Os doze de Inglaterra e o seu Ma-  
(grico:

Dou-vos tambem aquelle illustre  
(Gama,

Que para si de Eneas toma a fama.

—  
Pois se, a troco de Carlos, Rei de  
(França,

Ou de Cesar quereis igual memoria,  
Vede o primeiro Alfonso; cuja lança  
Escura faz qualquer estranha gloria:  
E aquelle, que a seu reino a segu-

(rança  
Deixou co'a a grande, e prospera  
(victoria:

Outro Joanne invicto cavalleiro,  
O quarto e quinto Alfonso e o ter-  
(ceiro.

—  
Nem deixarão meus versos esque-  
(cidos

Aquelles que no reino lá da Aurora  
Se fizeram por armas tão subidos.  
Vossa bandeira sempre vencedora:  
Hum Pacheco fortissimo e os temi-

(dos  
Almeidas, por quem sempre o Tejo  
(chora:

Albuquerque terribil, Castro forte,  
E outros, em quem poder não teve a  
morte.

São esses os «Barões assinalados»,  
de quem o grande Epico no decurso  
do seu poema nos vae dando noticia:—  
No Canto 7, Estancia 33:—

Famas móres, que nunca de-  
(terminam,  
De dar a estes «Barões» o  
(mar profundo

No Canto 9, Estancia 22:—

Alli quer que as aquaticas  
(donzellas  
Esperam os fortissimos «Ba-  
(rões».

Na Estancia 65:—

Que vista dos «Barões» a fere-  
(sa incerta  
Se fizessem primeiro deseja-  
(dos.

Na Estancia 71:—

Não eram senão premios, que re-  
(parte  
Por feitos immortaes, e soberanos,  
O mundo co'os «Barões», que esfor-  
(ço e arte,  
Divinos os fizeram, sendo humanos,

No Canto 10, Estancia 7:—

Com doce vez está subindo  
(ao céu

Altos «Barões», que estão por  
(vir ao mundo.

Particularisando, refere-se o Poéta a Vasco da Gama no mesmo Canto X, Estancia 76:—

Faz-te mercê, «Barão»; a Sapiencia Suprema, de co'os olhos corporaes Veres o que não pode a vã sciencia Dos errados, e miseros mortaes!

Mas, quer refira-se a todos os peitos illustres lusitanos a quem Neptuno e Marte obedeceram, quer individualmente ao Gama, quiz por ventura o Poéta dizer que elles todos ou, pelo menos, este só, foram «barões» de decreto, como ainda o são os de hoje?

De nenhuma forma, e pelas seguintes razões, que vamos synthetisar:

PRIMEIRA—Camões que, no conceito Sotero dos Reis, foi o melhor traductor de Virgilio, paraphrasêou nas duas citadas Estancias do seu primeiro Canto os primeiros versos de «Eneida»:—

Arma, «virumque» cano Trojæ qui  
(primus ab oris  
Italiam, fato profugus, Lavinaque  
(venit

Littora:.....

—..... de Marte ora as horriveis  
Armas canto e o «varão» que, exul  
(de Troia,

Primeiro os fados profugos aporta-  
(ra

Na Hesperica Lavino.

Camões, com o engenho e arte promettidos, tradusio o «virum» de Virgilio por «Barões», alterando-lhe a forma, não a essencia; e nem disto se lhe pode notar falta alguma; pois elle já havia posto na boca de Venus esta verdade dita a Jupiter, a respeito da lingua portugueza:—

..... na qual quando imagina,  
Com pouca corrupção crê que é a  
(Latina.

SEGUNDA—Porque Durão, que no seu poêma «Caramu-

rú» foi para os «Lusiadas» o que este foi para a «Eneida», e esta para a «Illiada», também na 1.ª Estancia do 1.º Canto, não deo ao «virum» do Poéta Mantuano outra interpretação:—

De um «varão» em mil casos agitado,  
Que as praias percorrendo do occi-  
(dente

Descubrio o Reconcavo afamado  
Da capital brazilica potente;  
Do filho do trovão denominado,  
Que o peito domar soube à fera gen-  
(te:

O valor «cantarei» na adversa sorte,  
Pois só conheço heróe quem nella é  
(forte.

Tanto na «Eneida» como no «Caramurú» ha só um heróe para ser cantado; nos «Lusiadas» porem—muitos E' a unica differença substancial.

TERCEIRA—Porque tanto é assim que a S. Thomé também chama o Epico Portuguez—«barão» sagrado:

Olha que de Narsinga o senhorio  
Tem as reliquias sanctas e benditas  
do corpo de Thomé, «barão» sagra-  
(do,

Que a Jesus Christo teve a mão no  
(lado.

Ora, que S. Thomé era simplesmente um miseromissionario é o mesmo Poeta quem nos ensina:

Thomé vinha «pregando, e já  
(passara  
Provincias mil do mundo, que  
(ensinara.

QUARTA—Porque finalmente nenhum dos «Barões assinalados» de Camões foi effectivamente «titular».

Apenas Vasco da Gama foi-o, si é que se pode sel-o sem querel-o nem acceital-o de facto.

Nomeou-o El-Rei D. João 3.º, não «Barão», que nunca o foi, porem Conde de Vidigueira; mas o heróe recusou-se

a principio a acceitar a graça real, allegando não ter solar. Conferio-lh'o generosamente o Duque D. Jayme de Bragança; o titulo então foi acceite, mas não usado.

Ora, si recusou Condado quanto mais Baronato!

Raros saberão desta particularidade da vida do grande homem si não tiverem lido Latino Coelho, «Vasco da Gama», Pag. 323 e 324.

Os «Barões assinalados» de Camões não entraram por tanto, na ordem nobiliarchica official: não pagaram direitos ao Erario Real, como então se chamava o Thesouro Nacional, nem fizeram parade nos cortejos e festas reaes.

Todo seu merito consistio em seirem tão sómente dalei da mortelibertando por obras valorosas, repetindo com o seo immortal Cantor:—

Porque essas honras vãs, esse ouro  
(puro

Verdadeiro valor não dão à gente:  
Melhor é merecel-os, sem os ter,  
Do que possuil-os, semos merecer.

Corresponde o termo «Barões» não só ao «virum», varão, como ao «Pater» Eneas do mesmo Epico Mantuano:—

Jam «Pater» Eneas, et jam Trojana  
(juventus  
Convenient, stratoque super dis-  
(cumbitur ostro.

Este «Pater», explicado pelos mestres da lingua, não tem a significação de «Pai»: é um nome honorifico, que quer dizer quasi sempre «augusto», «veneravel», e tanto se applica aos deoses como aos homens. Alguas vezes também significa «heróe», e é principalmente neste sentido que se deve entender «Pater» Eneas, que se encontra muitas vezes na «Eneida».

(«Les Auteurs Latines», «Par Uno Societé de Professeurs et de Latinistes», P. 89.)

Nos «Lusiadas»--«Barões», conseguintemente, significa na substancia—«varões» ou «herões», a cujo respeito o Padre Poderoso se pronunciára á queixosa Deosa dos Amores deste modo edificante :—

Que eu vos prometto, filha, que ve-  
(jais  
Esquecerem-se Gregos e Romanos  
Pelos illustres feitos, que esta gente  
Ha de fazer nas partes do Oriente.

Nem pareçaq', depois disto, na orthographia do Epico Portuguez haja talvez troca do «v» pelo «b», como fazem os naturaes das Ilhas.

Só pensal-o é injuria áquelle grande genio. Camões falava e escrevia suavemente a nossa lingua. Em casos mesmos em que os mais puristas toleram a troca, elle não a admittia, como por ex. : em «assoviar», quando a orthographia mais commum é «s-sobiar», como se pode ver em Moraes, Aulete e até em João de Deus. E' assim que escreve :—

Na Estancia 89 do Canto 1.º. —

A plumblea pella mata o bra-  
(do espanta,  
Ferido o ar retumba, e «asso-  
(via» :

Na Estancia 98 do Canto 6 :—

E com forçar o rosto, que se enfia,  
A parecer seguro, ledto inteiro,  
Para o pelo do ardente, que "asso-  
(via",  
E leva a perna ou braço ao compa-  
nheiro.

Esses «Barões» serão a todo tempo os «Barões da frente», cantados em lindos versos por J. Bonifacio, cantando Andrade Neves, Barão do Triumpho :—

Foste o primeiro, sim! Alli teo vulto  
A muralha de ferro ergueu fremente!  
Já não tarda o porvir; as trevas fo-  
(gem !...

"Serás entre os barões"--barão da  
(frente !

Barão da frente... é o grito da justiça,  
Ha de sel-o tambem da historia um  
(dia !

Repetem-no ao sussurro da tormen-  
(ta,

"O som do mar e a voz" da ventania !

Vem de cima o murmurio... é sobre  
(as ondas

Que a grandeza de Deus brilha sem  
(véo !

Eis surge o infinito, a terra some-se,  
A estrella beija o mar, e a espuma o  
(céo.

Em todo o caso o «Barão», tal qual concebeu o vasto engenho e arte de Camões, não era o «Barão» descripto pela Princeza Ratazzi no seo «Portugal a vol d'osseau» :—Barão da «Hervilha», de «Freixo de Espada a Cinta» & & ; e muito menos da tão insuspeita como real pintura, não mais de uma estrangeira embora illustre, mas de um peito illustre lusitano »pur sang».

Queremos-nos referir a Palmeirim na sua «Galeria das Figuras, Pag. 30 :—

« Como é que o marçano de duas décadas atrás, soube apanhar de salto o diploma nobiliario, e pôr quasi em seguida o confronto audaz a cutis gretada e pardacenta com a alvura dos arminhos do mano senatorio ? E' discreta a curiosidade da pergunta. O barão não é completamente um parvo como a principio se acreditou, quando os primeiros ministerios constitucionaes punham o typo em circulação, a troco de um emprestimo feito com usura ao governo, ou da compra urgente, mas ainda tão arriscada, dos bens dos conventos. Simplesmente ignorante e sinceramente fatuo, o barão não nasceu como o

poéta, nem se fez orador : deixou-se fazer como uma necessidade do thesouro publico, sabendo que ia arcar com os sarcasmos dos jornalistas, e substituir no theatro a reproducção estafada dos melhores typos de farça nacional...

« Em familia, o barão desfilava a mascara, e apparece na rustica nudez dos tempos em que jogava o gamão na botica, e punha a mira de todos os seus desejos em figurar na procissão do Corpus de Deus como vereador municipal.....

« E' ainda pelo joanete sem fórmageometrica conhecida, que o barão denuncia as torturas por que passou, ao querer ageitar um pé desenvolvido em liberdade ás barbaras exigencias de um bute de polimento. »

Grandeur passée,  
Gloire eclipsée,  
Quantum ille  
Mutatus ab illo !

Felizmente, no Brazil, ainda não attingimos á essa decadencia morbida dos titulos nobiliarchicos

O cavalheiro honrado, que tiver nobilitado seo nome para si, sua familia, e seo torrão natal, pode desvanecer-se de trocal-o pelo que lhe conferir a munificencia imperial do augusto Imperante ou da serenissima Regente, em remuneração tambem de obras valerosas.

Como os de Camões muitos, ainda quando não passem alem da Taprobana, conquistarão com certeza o favor publico, e honrarão seo tempo com o respeito dos proprios maldizentes

PAULINO NOGUEIRA.

## Historia Natural

### REPRODUCCÃO DOS VEGETAES.

Estava em meu gabinete de estudo e não presente quando entrou minha companheira.

—Meio dia, meu amigo, e ainda isolado no gabinete!

—Protesto.

E continui a ler.

—Olha o relógio, te esqueces de mim e do estomago, e depois dizes que nasceste dyspeptico! E continuas como se estivesse só! acorda!—disse batendo-me levemente no hombro.

—Protesto, passei toda a manhã a conversar com Duchartre. Quando recolho-me ao gabinete estou menos isolado do que na rua mais publica da Fortaleza. Converso com Trosseau, Sachs, Richard, Claus, Van Tieghem e muitos outros homens illustres por seu talento e saber.

—Prolongas o tempo do estudo com prejuizo da saude. Tens o livro ainda aberto! quererás continuar? Deixa para amanhã o resto, pede desculpa ao Sr. Duchartre,—e fechou-me o livro com agilidade e graça.

—Costumo obedecer-te, mas para que me vieste interromper?

—E achas cedo! não almoças hoje?

—Não tenho fome e supponho que nem estomago.

—Mas tens dyspepsia, que é alimentada pelas conversações prolongadas com estes senhores que estão sentados sobre as prateleiras das estantes. E depois nasceste dyspeptico!...

—Se soubesses o assumpto da conversação com Duchartre! Instructivo e delectante. Aposto que estás curiosa de saber. As flores de que tanto gostas, e seus amores, occu-

param-nos até agora. E' interessantissima essa phase da sua vida.

Quando distantes, as auras e as borboletas são os mensageiros de seus amores,

Ella interessou-se pelo assumpto e curiosa sentou-se junto á banca, perto de mim.

—Então disse-te o naturalista couzas interessantes sobre as flores?

—Contou-me como se amam e reproduzem. Os vegetaes, como sabes, vivem dos alimentos que suas raizes, folhas e haste tiram da terra e do atmosphérico. Têm, como nós, infancia, adolescencia, virilidade e decrepitude. Na primeira idade são elles fracos como as creanças; embora tenha o vegetal de ser, quando adulto, um gigante pelo porte e um Hercules pela força de seus tecidos. Este oitiseiro que se eleva sobre o tecto de uma casa, quando recém-nascido teria morrido si fosse tocado por uma forte rajada. As plantas crescem alimentadas pelos orgams da nutrição, apenas as folhas ornam-lhes as hastese os ramos. Passado o periodo infantil a adolescencia se annuncia. Os orgams adquirem mais vigor e desenvolvimento e a planta prepara-se para entrar em uma phase nova de vida.

Olhos foliaceos brotam coloridos de um verde mais vivo, mais bello, annunciando que o vegetal em breve poderá preencher os fins para que foi creado, será apto para a união conjugal. Novos orgams se desenvolvem então na axilla das flores ou terminando os ramos, mas de forma e colorido differente e muitas de perfume suave e exquisito: são as flores ou orgams da reprodução.

Os colibris, as borboletas,

os dourados coleopteros vêm então saudar a adolescente, a noiva, que vestida de corolla branca ou multicolor mostrase vaidosa de sua belleza, de seus perfumes. O *peryantho*, formado dos involucros floraes externos, calice e corolla, é o leito nupcial onde a natureza quiz occultar os amores das flores, em algumas especies. Muitas ha menos favorecidas pela creação, sem um cortinado, sem um véo que occulte os beijos conjugaes.

—Isso nas flores hermaphroditas, não é assim?

—Certamente. O noivado, a lua de mel, os seus amores duram horas apenas! No dia de nupcias pela manhã, sem ter tido infancia, os noivos despertam em seu leito nupcial, estreitam-se nos mais affectuosos amplexos e á tarde quando o sol vai para o occaso termina-se aquelle idyllio, a morte os leva, o leito vasio as brisas desmancham e atiram ao chão, mas o fructo de seus amores fica, permanece o germen, a semente que a planta nutrirá para mais tarde perpetuar o nome de seus progenitores. Ha flores hermaphroditas entretanto cujos amores são curiosos. A corolla gamopetala muito irregular forma por assim dizer duas alcovas que se comunicam por uma estreita porta, e são habitadas uma pelo estamão e outra pelo pistillo.

Completamente separados seriam estereis os seus amores. se os insectos, alados mensageiros, procurando sugar o nectar das bodas, gulosos e indiscretos, não penetrassem nos aposentos conjugaes. Então o pequeno coleoptero passando pelo quarto do noivo leva em suas azas, em suas patas o dourado pollen, depois penetrando na segunda alcova avido do nectar das bodas,

vai sugal-o e enquanto ingere o pó fecundante, cabe sobre o *estigma* do pistillo e dá-se a fecundação. Em outras especies, pela posição dos orgams sexuaes, o acto não poder.a ser completado si o vento e os insectos não se encarregassem de tirar da *anthera* a pollen e este obedecendo as leis do peso não fosse cahir sobre o *estigma*.

—E o pollen assim l vado pelas lufadas do vento, n'esse movimento rapido, pode ser retido e permanecerá até que seja absorvido ?

—A natureza tudo preveniu.

O nectar das bodas de que te fallei e que os insectos avidos procuram sugar, tem um tim duplo.

Executado pelos nectarios, humedecem a superficie do *estigma* e quando o pollen impellido por qualquer força cahe sobre elle, fica retido até que o acto seja consumado.

Elle prende os grão pollinicos e attrahe os pequenos seres quando ha necessidade de um vehiculo que não seja o vento.

Ainda em outras especies dá-se a fecundação sem o concurso do vento e dos insectos. Um movimento dos orgams sexuaes os une e o pollen chega ao *estigma*. Isso eu já observei. na flor do maracujá.

—E não me fallaste em plantas cujas flores são *unisexuadas* ?

—Sim. as *monoicas*. N'essas a fecundação só pode ter logar com o concurso de forças extranhas. Na *curcubitea*. o melão, que já conheces, como chegaria o pollen ao *estigma*, si o vento, os insectos não servissem de vehiculo ? E' verdade que a distancia a vencer é pouca, pois as flores masculinas e femininas estão no mesmo individuo.

—E nas plantas *dioicas* ?

—N'essas é mais difficil, pois cada planta deita flores de um só sexo.

—E como se reproduzem ?

—Ainda a natureza servindo-se dos insectos ou do vento leva o pó fecundante a grandes distancias. Duchartre cita o facto de uma planta *dioica*, uma tamareira cultivada em Otrante cuja esterilidade era notoria. Passaram-se longos annos sem que ninguem visse vingar uma tamara, aquelles pistillos produzirem um fructo ! Um bello dia a palmeira tornou-se fecunda, e um grande cacho de fructos vigorosos a todos sorprehende.

Procuraram a causa e descobriram que na mesma epocha em Brindes, distante 60 kilometros de Otrante uma tamareira masculina havia tido a sua inflorescencia. A fecundação das plantas aquaticas unisexuadas é tambem muito curiosa. Maout et Decaisne tratando d'ella falla da *Vallisneria spiralis, dioica*, que vive submergida nas aguas estagnadas dos lagos da França meridional. Na epocha da inflorescencia da planta feminina sahe um longo pedunculo terminado por uma *spatha*, a qual envolve flores pestilladas, e vai ter á superficie d'agua.

A *dioica* masculina, que vegetava tambem n'aquelle sitio, floresce, um pedunculo curto sahe do centro das folhas, sustentando uma espiga de flores estaminadas e protegidas tambem por uma *spatha*. O pedunculo fica entretanto muito abaixo da superficie livre das aguas e cessando o seu crescimento nunca alcançará a athmosfera onde as flores pestilladas gosam da luz do sol pela vez primeira.

Assim separadas sua união

seria impossivel si a natureza não fosse omnisciente.

Chegado o dia de nupsias, marcado pela creação, abre-se a *spatha* feminina, as flores cahem e boiam á tona d'agua ao mesmo tempo que as flores estaminadas até então submergidas e sem esperanças de mensageiros, o vento ou os insectos, por um movimento brusco, como ordenado pela vontade, desprendem-se da espiga e vêm á superficie d'agua.

Começa então a festa nupsial. Parecem sentir ! Não é um vagar a tóa á fase liza do lago, não, parece que os seus movimentos estão subordinados á vontade e não a uma força inconsciente como o vento !

E vagam até que se encontrem ; obedecendo então ás leis naturaes, ao atavismo, as *antheras* que fecharam hermeticamente em seu seio o dourado pollen, avaras de seu thesouro, abrem-se, e por um movimento de elasticidade projectam uma chuva de grãos pollinicos sobre os *estigmas* das flores pistilladas. Poucas horas depois estão terminadas as bodas. As flores femininas dobrando-se em espiral, dizem adeus ao dia, despedem-se da luz e submergem-se ; vão ao fundo do lago e ahi ficam até que o embrião que levam no seio, o germen que resultou da fecundação, germine, cresça, muitas vezes ao lado da planta mãe. As flores estaminadas mortas ou adormecidas vagam agora a tóa a mercê das correntes ou do vento. Agora tens noções da reprodução das planerogamas.

—E os cogumelas, nos quaes nunca vi flores, como se reproduzem ?

—Os cogumelos, os fetos, as licopodeaceas, as algas e

inumeros outros pertencem ás *cryptogamas* ou plantas cujos orgams da reproducção são invisiveis. Por muito tempo se acreditou que os vegetaes não tinham flores e que sua reproducção era espontanea.

O microscopio trouxe a luz a essa questão e a sciencia que dizia antigamente:—*cryptogamas ou plantas sem orgams da reproducção*, diz hoje:—*cryptogamas ou vegetaes cujos orgams de reproducção são invisiveis*.

—Os vegetaes nem sempre precisam de orgams reproductores para se multiplicarem. Tu mandas reproduzir a mandioca no roçado sem precisar de semente, do mesmo modo que eu faço as roseiras se reproduzirem no jardim. Assim as *cryptogamas* podem estar todas n'esse caso.

—E' justamente com relação a esses que a tua objecção não aproveita. A reproducção é natural ou artificial. Natural quando é feita pela semente, artificial quando o homem a promove por meio da *estaca*, do *enxerto* e da *mergulhia*.

A reproducção artificial entretanto só pode ser promovida nas *phanerogamas* lenhizas e as *cryptogamas* são plantas herbaceas. Tu fazes reproduzir a rezina artificialmente, mas te garanto que não farias o cogumulo.

As *cryptogamas* chamam-se tambem *acotyledoneas* ou sem cotyledons, e *agamas* ou privadas de orgams sexuaes se reproduzindo naturalmente.

Têm ellas orgams sexuaes que o microscopio torna visiveis e a physiologia vegetal estuda as funcções. Nas *phanerogamas* são elles o *estame*, o *pistillo* e o *pollen* ou materia fecundante; nas *cryptogamas* é a *antheridea* o orgam masculino, *archegono* o or-

gam feminino, e *antherosoide* a materia fecundante.

A *antheridea* guarda o *antherozoide*, como a *anthera* guarda o *pollen* cujo principio gerado chama-se *fovilla* nas *phanerogamas*.

O *archegono* é o pistillo das *cryptogamas*, tem ovario que é chama *sporangio* dentro do qual estão *ovulos* ou *esporas*. O *antherozoide* não é como a *fovilla* sem movimento, elle tem cilios vibrateis, faz evoluções como os animaes infuzorios, e penetrando no *archegono* vai ter ao *sporangio* e os *esporos* são fecundados. Depois os *esporos* ou as sementes das *acotylidoneas* germinam e assim se reproduzem os *cryptogamas*.

—E a germinação das sementes não precisa do concurso de certos agentes naturaes?

—Calor, luz, agua e o ar atmosphérico. Sem esses elementos o embrião não se desenvolveria. Toma um grão de milho e põe a germinar onde falte algum d'aquelles elementos, que em balde esperarás que a radícula se desenvolva, que a hasticula cresça. Se entretanto as condições que se achar a semente forem favoraveis à germinação ella se dará e então uma porção de vegetal penetra no solo e cresce na atmosphera. O vento, os animaes, o homem são os semeiadores das especies vegetaes.

As aves levam as vezes a logares inacessiveis, sitios ermos a semente de uma planta cultivada e onde o homem nunca passou. Esta parte da botanica, isso é, a descripção dos vegetaes espalhados a superficie do globo chama-se *geographia botanica*.

—Deve ser interessante.

—Sim, e estaria prompta a ouvir-a embora o estomago

fosse esquecido.

Mais de uma hora da tarde! Me censuraste e cabiste na mesma falta! O estomago, minha amiga, o estomago...

—Mas o senhor Duchartre sabe novidades que delectam tanto!...

—A sala de jantar, e offerecendo-lhe o braço fimos para a meza.

Alto da Bonança, Julho de 1887.

RODOLPHO THEOPHILO.

## ANNUNCIOS

### Pharmácia Albano

GRANDE DEPOSITO  
DE

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras.

Sortimento completo de homœopathia em tintura, globulos e cartieras. Receitas a qualquer hora. Preços modicos.

36—RUA DA BOA-VISTA—36

CEARA'

0—RUA DO MAJOR FACUNDO—70

### CAFE JAVA

NO ELEGANTE KIOSQUE

DA

Praça do Ferreira

Em frente ao paço municipal.

Café fabricado a capricho. Chocolate unico, como só aqui se fabrica.

Cerveja fria.

Charutos finos e cigarros fabricados especialmente para

CAFE' JAVA  
Manoel Pereira dos Santos.

Motta Vieira & C.<sup>a</sup>

88—M.ajor Facundo—88

FORTALEZA

Importadores e exportadores.

# A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

GERENTE—JOSÉ OLYMPIO DA ROCHA.

N.º 22

FORTALEZA, 3 DE JANEIRO DE 1888.

## REDACÇÃO:

JOÃO LOPES, JOSÉ CARLOS JUNIOR, ABEL GARCIA, A. MARTINS, OLIVEIRA PAIVA, ANTONIO BEZERRA, JUSTINIANO DE SERPA, PAULINO NOGUEIRA E MARTINHO RODRIGUES.

## SUMMARIO

Expediente:  
O suicidio como consequencia da falta de convicção.—R. DE FARIAS BRITO;  
Ao pôr do sol.—MARTINHO RODRIGUES;  
A fidelidade de Colette (traducção)—CATULLE MENDÉS;  
Historia natural.—RODOLPHO THEOPHILO;  
Annuncios.

## EXPEDIENTE

### Assignaturas

	CAPITAL
Trimestre . . . . .	28000
Semestre . . . . .	48000
Anno . . . . .	88000
INTERIOR E PROVINCIAS	
Semestre . . . . .	58000
Anno . . . . .	108000

### ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 56

## O suicidio como consequencia da falta de convicção

O suicidio longe de ser a negação do querer-viver, ao contrario é uma das affirmações mais energicas da vontade.

(SHOPENHAUER)

Suicidio do criminoso.—A historia nos apresenta o exemplo de homens

cobertos de crimes, para os quaes a vida tornou-se tambem insupportavel e que recorrem à morte como meio de salvacção.

É natural que aquelle que commetteu muitos crimes e conseguiu por algum tempo illudir a boa fé dos homens de bem, sendo depois descoberto e vendo levantar-se contra si implacavel a opinião popular, pense em fugir por meio da morte à revolta do espirito publico. Maurillo Torres, o celebre assassino do usurario Garcia, tendo cahido de uma posição elevada no fundo de uma prisão por um crime da natureza d'aquelle por quo foi accusado, se fosse um homem capaz de impressionar-se pelos golpes que ferem a dignidade, teria recorrido ao suicidio: era a unica sahida possivel com a qual elle não ficaria completamente perdido.

Aquelle que se colloca em uma situação tão desgraçada, só pode de certo modo salvar-se com a morte; porque é o unico meio de fazer despertar a sympathia e a compaixão popular.

Neste caso é que se comprehende visivelmente todo o horror da situação daquelle que se põe em condições de ter necessidade da morte: é o estado mais lastimavel do homem.

O homem tem como que horror de si mesmo, sente que se levanta contra si a humanidade inteira, procura uma só affeição e não acha; quer esquecer o passado e a idéa do crime o atormenta cada vez mais. Então falta-lhe como que a terra nos pés e o desgraçado tem medo d'aquelles mesmos que foram seus amigos, que fazem parte de sua familia, que tem vivido sempre a seu lado e lhe devem tudo, porque supõe que o desprezo ou antes o odio da opinião os envolve.

É uma cousa verdadeiramente terrivel, e, si a sociedade, para sua garantia e em bem do desenvolvimento da especie, exige a imposição de uma pena rigorosa, por exemplo, da pena de morte, por outro lado a natureza humana em sua verdadeira essencia, só nos pode inspirar compaixão. O crime revela com effeito perigo e por isso precisa de ser punido, mas ha uma cousa que elle ainda revela mais do que mesmo perigo: é miseria.

E convem desde logo notar: ha

erro na maneira porque costumamos encarar o criminoso. É mister para fallar com justiça estudar as condições psychologicas d'aquelle que é levado à carreira do crime.

O criminoso é uma victima da fatalidade. Primeiramente as suas acções, como tudo o mais na natureza, são determinadas por causas desconhecidas. Depois nós não temos meios seguros para apreciar-as em todos os elementos.

Ha acções apparentemente horrosas, que, entretanto, si podessemos conhecer a totalidade dos motivos que influiram no espirito do agente, veriamos que não revelam maus sentimentos.

O espirito humano é um abysmo, e ninguém pode penetrar em suas profundezas mais intimas.

O assassino de Kotzebue, Karl Sand, depois de haver concebido a idéa do crime, dizia em tom de religiosa convicção: "Senhor, tu sabes que eu devotei minha vida a esta grande acção: só me resta depois que a resolvi, pedir-te a verdadeira firmeza e coragem d'alma." Este homem estava, pois, convencido de que ia praticar um acto justo, mais do que um acto justo, um acto de rigoroso dever. Depois, quando teve de subir ao cadafalso, perguntando-lhe um sacerdote, si ainda se conservava com odio, respondeu: "Meu Deus, foi o que eu nunca tive."

É, pois, um erro, julgar com precipitação os actos alheios: neste ponto ha uma profunda verdade nessa dicção popular que aconselha: não sê das primeiras informações. Depois devemos ser extremamente rigorosos para com as acções, condemnal-as, estigmatizal-as, quando são más; mas, quanto ao agente, devemos ser benevoientes. O orgullho é então injustificavel; ninguém pode dizer: deste prato não comerei, desta agua não heberei.

Todos estão sujeitos ao crime, assim como ninguém está livre de se tornar um leproso.

Podemos mesmo de certo modo estabelecer que ninguém tem culpa de ser mau. As boas ou más qualidades são um producto da organisação combinado com as circumstancias exteriores e comp taes são uma consequencia de causas fataes que servem de principio determinante para as operações da propria vontade.

O criminoso quer o mal em virtude de qualidades, que recebeu já por via hereditária, já pela educação, já por influencia do meio. Deste modo repetimos, é uma victima da fatalidade e o crime vem a ser em relação ao organismo moral a mesma coisa que é a enfermidade em relação ao organismo physico.

É preciso, porém, distinguir duas especies de crime: aquelle em que o germen do mal veio principalmente da parte do agente e aquelle em que o agente obrou influenciado por circumstancias que perverteram sua organização. Ha, pois, homens originariamente maus e homens que se tornaram maus em força das circumstancias.

Quando o homem procede mal por que é a isso levado por sua organização, isto é, quando a malicia é originaria no homem, é difficil, se não impossivel a reabilitação: neste ponto está de accordo com a experiencia e a observação ordinaria dos factos, a theoria sustentada por Shopenhauer que estabelece a immutabilidade absoluta do character.

A educação pode exercer alguma influencia, mas esta influencia limita-se unicamente a fazer com que o homem possa conter-se. A maldade fica abafada debaixo de uma mascara creada pela educação; mas um dia o instincto deita por terra esta mascara e a maldade se revela em toda sua nudez. É a razão porque homens, que receberam a mais fina educação, muitas vezes em certas occasiões demonstram os sentimentos mais vis. A fera está dentro da jaula, mas através das grades faz ouvir o rangido dos dentes.

Do mesmo modo, homens, que viveram sempre no meio mais depravado, revelam ás vezes sentimentos dignos dos characteres mais puros. A historia do homem de bem, que tornou-se bandido, é uma historia verdadeira. Não é a figura que demonstra a capacidade, do mesmo modo que não é a posição que faz conhecer o character. Ha figuras brilhantes com alma de bandido, assim como ha bandidos com alma de heroe.

A educação e o meio não podem, portanto, aniquilar o character. O homem que uma vez revelou-se inteiramente mau, que com inteira consciencia de si, praticou uma acção miseravel, nunca deixará de ser mau. A sua tendencia natural é o crime.

Não se pode dizer a uma arvore de fructos amargosos que produza fructos doces e si é possivel uma modificação, esta só poderá ser realisada na especie, nunca porém no individuo. É o mesmo na humanidade: uma raça má poderá reabilitar-se através da successão das idades, mas o individuo que trouxe do berço o germen do mal leva-o á para o tumulo.

É isto o que a experiencia de-

monstra, e assim fica perfeitamente esclarecida a nossa dupla maneira de comprehender as condições do criminoso. Accrescentamos porém o seguinte: quer seja o criminoso originariamente mau, quer seja levado ao crime por influencia do meio, obra sempre em virtude de causas fataes. Deste modo, repetimos, não tem culpa, não é digno do nosso desprezo; ao contrario, merece a nossa compaixão; não é um monstro como ordinariamente costumamos dizer de tudo o que nos revolta; ao contrario é um desgraçado.

Sabemos quanto esta doutrina parecerá extravagante aos olhos de muita gente. Vamos contrariar a idéas geralmente acceitas e sancionadas pelo uso tradicional das intelligencias e por certo não estamos livres de ser accusado de paradoxo.

Em verdade não é pequena a difficuldade com que se lucta quando se tem de fazer a exposição de principios que ainda não se tornaram communs.

Os velhos dogmas acceitos e praticados durante uma longa serie de annos deverão ter creado uma barreira bem difficil de atravessar-se e não é sem grande difficuldade que se consegue chegar á comprehensão dos principios novos. É d'ahi que vem esta importante observação de Herbert Spencer: nenhuma transformação has idéas sem lucta.

Em relação ás idéas que sustentamos objectar-se-á desde logo, e isto com a autoridade de quem supõe que vai dar um golpe mortal: dizeis-nos que o criminoso obra fatalmente, que as suas resoluções são determinadas, que elle nas circumstancias em que se achou collocado não poderia deixar de ser criminoso; neste caso a sua é um absurdo.

Em verdade, si os actos do criminoso são determinados por causas desconhecidas, si elle nas condições em que se achava não podia deixar de ser criminoso, como se poderá applicar-lhe uma pena? Como se pode exigir que proceda bem si a sua tendencia natural é o crime? Como se deve comprehender a culpa, em que consiste a virtude? O homem procede bem, ou procede mal, necessariamente: pratica o mal assim como a chuva cae, assim como a flor desabrocha, assim como a arvore cresce.

Como se pode, portanto, accusar os maus, como se pode premiar os bons?

Não entra em nossas vistas estudar aqui o fundamento do direito penal. Isto nos levaria muito longe e nos afastaria do assumpto especial de que nos occupamos. Basta que possamos estabelecer o seguinte. O direito penal é um dos ramos da medicina, o crime é uma enfermidade e a punição um medicamen-

to. Tal é a doutrina proclamada pela sciencia criminal hodierna.

O velho systema que dava por fundamento ao direito penal a vingança extinguiu-se de todo: hoje não deve haver odio na punição dos delictos, porém caridade.

Isto só, é sufficiente para justificar as nossas idéas; voltemos portanto ao objecto de nossa discussão.

Das duas especies de criminosos que temos apresentado, ha uma dellas em que o suicidio é impossivel: é nos criminosos originariamente maus, salvo o caso especial da loucura.

Verdade é, que os homens verdadeiramente criminosos, estão muito perto dos loucos: sendo assim pode dar-se o suicidio; mas no caso contrario, isto é, si o criminoso não sofre alguma alteração mental, nunca terá de suicidar-se. E a causa d'isto é que a qualidade predominante do homem inteiramente mau é o egoismo e o suicidio é uma especie de esquecimento absoluto do eu.

Em todo o caso, ou o suicidio se dá da parte de characteres perfectos, ou da parte de characteres pervertidos, é sempre um acto praticado por homens originariamente bons.

O homem inteiramente mau tem também a sua convicção, é a convicção do crime; por isso não pode voltar para o bem. O homem de bem, porém, que por condições excepcionaes se deixou levar para o crime, fica por assim dizer collocado no vacuo: o suicidio, si por ventura recorre a elle, será uma consequencia de seu desequilibrio moral.

Independente d'isto pode o homem também ser levado ao suicidio quando o seu espirito foi transtornado por uma comprehensão exagerada da concepção pessimista do mundo. Tal é mesmo o caso mais frequente. Fora d'isto o suicidio será sempre e em todos os casos o resultado da loucura.

*Discussão geral.*—Agora podemos perguntar: qual o facto que deve ser considerado como a causa principal do suicidio e que, portanto, deve ser, á toda força, combatido como um grande mal? Com toda a segurança affirmamos: é a falta de convicções.

É a occasião de estudarmos em relação ao nosso problema o papel das convicções.

Já uma vez, tratando de uma outra materia, tivemos occasião de estabelecer o seguinte: «De dous modos pode o homem proceder na sociedade: de conformidade com as suas convicções ou de conformidade com as suas conveniencias. Não se comprehende que possa proceder de outro modo a menos que não se ache em seu estado anormal. O grau da moralidade está na razão inversa do sacrificio das convicções ás conveniencias.

Aquelle que nunca sacrifica as suas convicções a conveniências é um homem perfeito.

As vezes acontece que as convicções coincidem com as conveniências; neste caso o homem é feliz, mas não tem grande merito; falta aquillo que constitue o verdadeiro merccimento: a lucta, o esforço individual.

Nisto fica logo estabelecida a influencia que reconhecemos nas convicções sobre a moralidade. Alem das convicções todos os outros moveis internos de nossas acções reduzem-se a modalidades da conveniencia; e assim a convicção e a conveniencia são as duas forças agentes do espirito: não poderá contestar o todo aquelle que se demorar um pouco na observação das causas determinantes das deliberações da vontade.

Da conveniencia nasce o interesse e da convicção a consciencia do dever; e taes são as duas molas reaes do mechanismo da sociedade.

E estamos perfeitamente convencidos desta verdade revelada pela experiencia: nada ha neste mundo mais perigoso que um homem sem convicções. Com effeito assim é. O homem por muito pouco que valha, por mais insignificante que nos pareça, é sempre uma possibilidade de bens ou uma possibilidade de males. Quando tem um ideal a seguir, caminha por uma estrada segura. Figurando-se uma certa e determinada situação poder-se-á d'avance estabelecer qual será o seu modo de proceder: ha uma luz que vem do passado e que pode esclarecer-lhe o futuro. Quando, por em, o homem não tem convicções, o seu futuro fica inteiramente nas trevas: o seu espirito fluctua no vacuo e o unico principio interno que entra no jogo da determinação de seus actos é a paixão. Nada de sua parte poderá inspirar confiança. Se é uma organização vigorosa e ardente, está sujeito a explosões capazes de anniquilal-o e quando se achar em algum terreno inclinado terá inevitavelmente de afundar-se no abysmo.

R. DE FARIAS BRITTO.

(Continúa)

## AO PÔR DO SOL

Balem no aprisco as timidas ovelhas;  
Mugem no pateo as grandes vaccas  
(mansas;  
Brincam no alpendre as garrulas  
(crianças;  
Zumbem no espaço aligeras abelhas;  
No juncal da lagoa andam vermelhas

As jacanans; do coqueiral nas fran-  
ças  
Canta a grauna, verdes como esp'-  
(ranças;  
Palram priquitos nas calças ve-  
llias.

O sol descamba por detraz dos mon-  
(tes,  
A lua surge alem nos horisontes  
E o vento rugge no seu fero agoite;

No terreiro da casa, um comboeiro,  
Saudando o velho lar hospitaleiro,  
Pede licença p'ra passar a noite.

MARTINHO RODRIGUES.

## A FIDELIDADE DE COLETTE.

(Traducção para A QUINZENA.)

Colette exprimiu-se deste modo quasi dogmatico:

—Eu não formo lá muito boa opinião dos homens.

—Ah! como és severa! disse Lila.

—Não me comprehendes-te, queridinha.

Longe de mim a idéa de negar que certos homens são dotados de qualidades que os tornam verdadeiramente recommendados. Alguns são bonitos, outros tem um *chic* especial no bigode gentilmente retorcido, outros são ternos, tres ou quatro são ornados de encantos capazes de nos perturbarem o somno, e finalmente não hesito em reconhecer que d'entreaquelles que nos amam houve alguns dignos dos sacrificios que lhes permitimos fazerem por nós.

Mas não importa, tal qual sou com a experiencia de meus vinte e tres annos não formo boa opinião dos homens e isto porque...

—Porque?

—Porque elles não são fieis.

—Lá isso, é verdade. Fieis elles não são.

Nós não poderíamos negar ainda q'tivéssemos sobre os

olhos a venda de illusão preconizada pelos poetas, que os nossos amantes são susceptiveis de se perturbarem apenas saindo dos nossos braços pelo dourado de uma cabelleira que não é a nossa ou pela promessa de um olhar languido ou ainda, pelo torneado de uma perna de amassona apenas entrevista.

Mas é preciso, querida, sermos indulgentes. Não sendo nós irreprehensíveis convem pouparmos reprehensões áquelles que, quebrando seus juramentos, seguem apenas nosso exemplo. Sendo traidoras não temos direito a queixar-nos de traições, pois a infidelidade de nossos amantes tem por desculpa a nossa.

Porque, para falar com franquesa, tu não ousarás contestar que a maior parte das mulheres destinadas ao amor (é possível que entre essas haja algumas honestas) levam a condescendencia ao ponto de não repellir em qualquer circumstancia as delicias sensações de um beijo desconhecido. Ter um capricho esatisfasel-o é uma aventura que não deixa de ter precedentes. Sabes quanto somos fracas. Quando tudo conspira em nos faser cahir em lamentaveis erros, reconhecendo que todas as existencias seriam inuteis não tentamos nenhuma.

Muitas vezes uma visita matinal, após a saída do amante nocturno, obrigou nossa *chaise longue* a tornar-se rival feliz do leito ainda desalinhado pelos praseres da noute.

Quanto a mim confesso que não sou dessas que merecem ser designadas á estima publica por seu amor ao dever, e tu mesma em muitos casos

te mostras inclinada a ternos esquecimentos ..

—É' nisto que te enganas, interrompeu Colette, eu sou fiel.

—Tu ?

—Eu.

—Fiel ? !

—A toda prova.

—A quem, a Valentim, a Mr. de Marciac, ao Visconde d'Argèles, a... ?

Vendo a admiração de Lila, ella replicou :

—Minha querida, tua surpresa não será de longa duração, e quando te houver fornecido algumas breves explicações serás forçada a confessar que de todas as mulheres que promettem reservar-se para o seu amante não ha nenhuma que se compare comigo.

Sou fiel, porque devo sê-lo.

Nada é mais desprezível do que recommençar com outro amante caricias apenas acabadas ; uma amante não se torna digna deste nome si é capaz de guardar para um só o thesouro que elle mais aprecia. Mas é preciso entender-se, ha condescendencias que tem a severidade do dever.

Ella reflectiu e continuou :

—Sabes que entre os encantos que possuímos, entre as voluptuosidades de que somos dispensadoras ha sempre alguma que encanta mais particularmente a cada um de nossos amantes. Um se enthusiasma com uma especialidade de paixão, pelo rosado de nossa orelha, outro pelo louro espesso de nossos cabellos, este se extasia deante da redondesa de nossos hombros, do torneado de nossos braços, da delicadesa de nosso punho a que o anel de uma provinciana pode servir de bracelete, aquelle

se apaixonou pela unha raspada de nosso pollegar, aquelle outro fica balbuciando si entrevê sob a transparencia da baptista um mysterio não impenetravel, onde se occulta na ancia de desabrochar a eglantina vermelha que é nossa pequena alma rosea. É assim o ardor de nossos amigos escolhe para o complemento da suprema voluptuosidade entre as nossas caricias as que mais lhes agradam.

Este morre si o beijamos com o labio distraido sob o ligeiro retorcido do bigode, aquelle pensa que se torna Deus si nosso sopro encarnado lhe insuffla nos pulmões toda vida reunida, a mollesca dos abraços —hypocrisia que no mesmo instante se torna a propria sinceridade completa os praseres de um languido companheiro de alcova, emquanto outro mais violento exige os transportes quasi rudes de um amplexo suffocante.

Tu me pouparás uma enumeração mais longa. Já disse bastante para te recordar a diversidade das admirações e alegrias e tu advinharás agora como eu realiso na mais esparsa inconstancia a precisa fidelidade.

Não, disse Lila, eu não advinho.

—É's então muito ingenua, e bem vejo que será preciso pôr os pontos nos iii. Sabe pois que sem prejudicar a verosimilhança das emoções a que nos obrigam a cortezia ou a misericordia tomo nota com o maior cuidado, a cada abandono novo do encanto, da caricia que não se tem a queixar da minha crueldade, e d'alli em diante reservo-lhe ciosamente este encanto, esta caricia.

Dou somente a elle o que

escolheu para si ; sou pois d'elle só, reservando-lhe o que elle prefere de mim.

Ah ! é em vão que Valentim, por muito apaixonada que seja a ternura que me inspire sollicitaria o favor de beijar o dedo minimo de minha mão esquerda, porque esse dedo é o ponto especial em que se deleita o labio de Marc'ac. Eu recuso ao visconde de Argeles que o embriaga Mr de Caldelis ou Gastão, ou o Marquez de Cleguerec : sou portanto a guarda infallivel do thesouro de cada um d'aquelles que me julgaram preciosa, e ficaria pungida de remorso si não recusasse a meu amante de hoje o favor que encantou adoravelmente meu amante de hontem.

Sou, portanto, muito altiva, e posso proclamar que nenhuma mulher guarda como eu a fidelidade jurada, e julgo-me neste ponto a pessoa mais virtuosa do mundo.

Lila tomou a palavra :

É's admiravel. É' certo que tua maneira de encarar a fidelidade, que esta divisão de ti mesma em partes eguaes pode offerecer calma ás consciencias mais facilmente inquietas.

Ter vinte amantes e não enganar a um só ! Pertencia a ti realisar esta impossibilidade apparente, e julgo que não deixarei de usar do meio que tão gentilmente inventaste.

Comtudo far te-hei uma objecção.

Qual ? pergunto Colette.

—Eil-a. Entre o grande numero d'aquelles para quem não somos crueis podemos encontrar dois que admirem em nós o mesmo encanto particular, exigindo a mesma caricia e talvez tres, quatro,

cinco.

—Então ?

—Então o meio de comprar a um ser infiel ao outro, ou aos outros ? Devemos ficar em uma perplexidade penosissima e propria a perturbar a satisfação que temos o direito de esperar em troca de nossas condescencias.

—Ah ! como és simples, Lila !

Escuta bem. Quando dous homens, tres, quatro ou mesmo dez escolhem a mesma belleza ou a mesma delicia é uma prova manifesta de que, por muito diferentes que elles pareçam, são absolutamente eguaes e fazem o mesmo e feito.

—De sorte que ?

—De sorte que concedendo a todos o que cada um deseja não prejudicamos a nenhum, e posso afirmar-te que ficaremos imperturbavelmente fieis a um só amor.

—E' exacto, disse Lila.

E olhando-se de frente ellas desataram a rir, mas de um riso encantador, 'extravagante, futil que sacode cabellos ruivos, d'onde se evolvam perfumes, de um riso que absolve de seus frivolos crimes e de suas loucuras aquellas que as commentem e tambem o que as conta.

CATULLE MENDÉS

## Historia Natural

### A VIDA DOS VEGETAES

Voltamos ao campo depois de um mez do passeio na cidade da Fortaleza.

Longos foram os nossos dias de tedio na formosa capital ! As bellezas naturaes e artificiaes, que a princeza do nor-

te offerecia a nossa admiração não conseguiram illudir as nossas saudades !

Os muros das casas torturavam-nos todas as vezes que a vista procurava largos horizontes. E sempre as pesadas massas de alvenaria a esconder o espaço, habitação dos astros, dos mundos desconhecidos ! Apenas nesgas escassas de firmamento, porem pequenas para satisfazer os orgãos da visão.

Queriamos horisontes infinitos, desejavamos que a vista caminhasse, caminhasse até confundir-se o céu com a orla verde da floresta.

Uma tarde sahimos a passeio e subimos o morro do *Coroatá*, o morro do *Coroatá*, que havia mais de vinte annos que eu não via, o theatro dos meus folguedos infantis, o passeio predilecto dos tempos de collegio. Instinctivamente galgamos a eminencia.

A fadiga da ascensão foi em breve compensada pelo esplendor do panorama que descortinamos ! A pesada alvenaria havia desaparecido e os horizontes abriam-se de todos os lados. Que quadro esplendido !

Os mesmos horizontes de outr'ora !

Ao longe, muito ao longe a branca vela de uma jangada, unindo como um elo de prata o mar e o céu ! a mesma vela eu vi quando passei a primeira vez aqui como calouro. Percebidas as imagens e transmittidas ao cerebro pelas retinas minha alma transportou-se ao passado e por um d'estes caprichos do systema nervoso eu via aquelles logares povoados como outr'ora das visões da infancia !

Nós, os collegiaes, uniformizados de jaqueta, calças pardas e bonet marchando dois a dois para o recreio do

morro. Era o P'rota o meu companheiro de fileira, gorducho, jovial, com seu par de bochechas bem vermelhas e bem desenvolvidas a custa da alimentação e ar sadio do sertão,

Depois os saltos mortaes, as nossas corridas subindo e descendo as dunas, os exercicios musculares e nos quoes primava o Liorne por sua força e agilidade.

Vivi alli alguns minutos uma vida infantil, a vida de meus doze annos. Acordei d'aquelle doce sonho e voltei a contemplação do panorama esplendido que me cercava.

O mar a espreguiçar-se na praia e a floresta á beijar o céu !

E no centro da grande aria abraçada pelos dois gigantes os edificios brancos da cidade reflectiam em suas vidraças os ultimos raios do sol que alem desaparecia nas ondas.

Eu e minha companheira contemplavamos em brevecidos aquelle panorama achando felizes aquelles momentos quando fatigada a vista por tanta luz e os sentidos por tanta magestade procuramos repouzar um pouco e fitamos a vegetação que cobria o solo. Contraste horrivel ! Um tapete de *gramineas* rachiticas e enfezadas alcatifava aquella terra ingrata, pobre, a custa da qual mal se podiam alimentar e viver uma vida de miseravel herva ! Muitos arburtos maninhos, rachiticos e dessiminados pela alcatifa dobravam-se ao sopro da viração como symbolo da degeneração de sua especie. Algumas plantas descendentes de individuos, que em terrenos uberrimos são arvores de grande porte atrophiados vegetavam alli confundindo a sua folhagem coma dos pequenos sub arbustos !

A vegetação sadia de nossos campos pintou-se aos nossos olhos e um olhar de lastima foi a despedida áquelles pobres vegetaes.

O dia de nossa chegada a vivenda foi de completo prazer.

A natureza vigorosa do campo communicava-se a nós. Os pulmões dilatavam-se em inspirações plenas, enchiam-se todas as vezículas, mas de um ar sadio, de um ar rico de oxigenio!

La o acido carbonico fornecido pela respiração de milhares de creaturas, pelas combustões em muitos mil fogões associado ás emanções delictorias das sentinas viciam a athmosphera e tornam-a senão impropria ao menos insufficiente as necessidades da vida. E as propriedades vivificadoras do ar senão perdidas ao menos depauperadas, occasionando a imperfeição da hematose accusam os seus habitantes.

A' tarde mal o sol tinha diminuido o calor de seus raios sahimos á passear.

As graunas, os gallos de campina pousados nos leques das carnahubeiras em agudos trinados pareciam saudar a nossa volta. Quanta melodia no seu canto! A margem das veredas os *manacás* em primavera enfeitavam o campo com suas corollas multicores. A belleza de colorido de suas petalas deleitavam a vista como a fragancia suave de seus perfumes impresionava agradavelmente o olphato. As camelias, as rozas, as sempre-vivas dos jardins não valem um *manacá* silvestre. E entre as arvores da floresta as humildes cazinhas dos camponezes cobertas de palhas de palmeira, guardadas apenas por uma fragil porta de talos de carnahubei-

ra! A garantia da propriedade entre essa gente rude é a amizade que os fraterniza. Passavamos por aquellas pobres habitações e os bondozos camponezes sahiam á nos saudar. As suas physionomias sadias e expansivas provavam a saude vigorosa que desfructavam. As camponezas com as faces rozadas e frescas faziam um perfeito contraste com as moças das cidades; áquellas os tons rozeos da saude lhes coram a tez, a estas a pallidez da chlorose, da dyspepsia, torna-lhes a cor do rosto mortica e terrea.

As creanças fortes e gordas corriam nuas pela varzea com pé seguro e incrível agilidade.

Minha companheira admirando-as disse-me:

— Como se desenvolvem bem aquelles organismos!

— Graças ao ar puro do campo, minha amiga. Não vistes as creanças da cidade como são differentes? Têm uma alimentação mais succulenta, mais abundante, mais forte, melhor tecto, porem a athmosphera que respiram não é tão pura, não repara tão bem as perdas que o organismo soffre a todos os instantes.

As plantas mesmo se resentem do ar viciado.

— E as plantas soffrem quando o ar não é puro?

— As plantas são seres organizados cujas funcções da vida vegetativa são muito semelhantes as nossas. Ellas precizam de ar, de alimento, de luz, de calor como nós precizamos.

— E quaes são as funcções da vida vegetativa.

— Os seres vivos vegetaes e animaes têm funcções communs chamadas da vida *organica ou vegetativa*. No animal a digestão, a respiração, a circulação do sangue etc., são funcções da vida vegeta-

tiva, isso é, funcções que têm por fim manter as forças e entreter a vida do organismo. No vegetal a absorpção, a respiração, a circulação da seiva etc, são tambem funcções da vida vegetativa. funcções, que reparam as perdas e entretêm a vida da materia organizada.

— E em que differe a planta do animal?

— Se bem que os animaes e vegetaes tenham funcções semelhantes, a estrutura e o modo porque os seus órgãos funcionam não é a mesma. Alem d'isso o animal tem órgãos da *vida de relação*, os quaes faltam completamente nas plantas.

— E quaes são os órgãos da vida de relação?

— Os órgãos dos sentidos, os quaes nos põe em communicação com o mundo exterior. A planta nasce, cresce, se repro duz e morre, mas não sente, não tem vontade, não se move, pois falta-lhe o *systema*, nervoso os *órgãos da vida de relação*. Ella não pode apreciar o que a cerca porque falta-lhe a vista que em nós faz que tenhamos uma idéa do que nos rodeia; o ouvido que nos torna sensiveis ao som; o olphato que nos faz apreciar o cheiro; o tacto que dá a nossa pelle a propriedade de conhecer certas qualidades physicas da materia como a duresa, a forma, a temperatura; o gosto que faz a mucosa da lingua apreciar os sabores dos alimentos.

— E é o *systema nervozo* que regula as funcções de todos estes órgãos?

— Certamente. O cerebro é o centro nervozo; para que uma sensação possa ser apreciada por nós é preciso que primeiro ella seja transmittida ao cerebro. Se ti ferires no pe por exemplo, sentirás a dor mas ~~depois~~ depois que a impressão

so transmittir ao cerebro.

—Mas o espaço de tempo entre a sensação de dor e o acto do ferimento é inapreciavel.

—Tambem o espaço percorrido pela luz, pela electricidade são inapreciaveis, inapreciaveis, isso é, conforme o espaço a percorrer. Recordo-me de ter lido em uma obra de physiologia, que uma sensação propaga-se ao cerebro como menos velocidade que a luz no espaço; assim um homem cuja estatura fosse de alguns kilometros, sendo ferido no pé, precisaria segundos para accusar o ferimento.

—São hypotheses...

—E a sciencia, já te tenho dito, precisa de hypotheses para explicar certos phenomenos que o estudo, a experiencia, a observação não podem determinar a causa. Vamos a vida das plantas de que nos afastamos, já que pouco gostas de divagar pelo abstracto. O systema nervoso nos dará assumpto para uma palestra longa.

—Então as plantas se alimentam, digerem, respiram?

—Exactamente como nós. Aquella carnahubeira que vês está vivendo agora mesmo do ar atmosphérico e dos alimentos tirados da terra, do mesmo ar e das refeições que tomamos hoje tiradas tambem da terra.

—E quaes os alimentos que a planta tira da terra?

—Agua contendo saes em dissolução. A planta não pode se alimentar de substancias solidas, pois a sua haste, raizes e folhas formam uma só peça involvida pela epiderme, membrana que não apresenta solução de continuidade.

—As raizes não teudo aberturas como a agua penetra no interior da planta?

—Te explicarei as funcções

dos orgãos de nutrição dos vegetacs. A raiz como todo o orgão do vegetal é formada pela reunião de cellulas de forma mais ou menos variada. A cellula é uma pequena cavidade fechada por uma membrana tenue; a cavidade pode ser mais ou menos arredondada e tanto conserva o nome de *cellula*, se é oblonga e as extremidades em ponta toma o nome de *fibra*, se é oblonga ainda mas não se termina em ponta chama-se *vaso*. A *cellula*, *fibra* e *vaso* não são mais do que cellulas modificadas. As funcções da raiz são tirar da terra a agua tendo em dissolução substancias de que a planta necessita para viver. Esta funcção chama-se *absorção* e dá-se em virtude de um phenomeno physico a *endosmose*.

—E o que é a endosmose, como se dá?

—Todas as vezes que separamos dois liquidos de densidades, differentes, ou dois gazes, por uma membrana tenue animal ou vegetal, dá-se a *endosmose*, isso é, os liquidos ou gazes passam atravez da membrana, e se misturam até que ambos fiquem com densidade igual.

—Assim os principios nutritivos não deveriam passar da raiz.

—Sobem até a extremidade da planta graças *endosmose* e a *capillaridade*? Dá-se o nome de *capillaridade* a certos phenomenos physicos que se observam quando os corpos solidos se poem em contacto com os liquidos o que se nota particularmente nos tubos de pequeno diametro. Ainda bem pouco tempo tu foste testemunha de um phenomeno de *capillaridade*, quando eu enchi de lympha vaccinica aquelles tubos de vidro, cujo diametro era pouco mais ou menos o de um

cabello. Tu viste eu collocar verticalmente a extremidade do tubo sobre a gotta de lymph e contra as leis da bydrostatica a lymph subir até encher o tubo.

—E não é contra as leis do equilibrio dos liquidos e como deu-se o phenomeno?

—A *capillaridade* é o resultado das attracões exercidas entre as moleculas ou dos corpos solidos ou dos corpos liquidos.

—Nos tubos as extremidades são abertas e nas cellulas em que não existe solução de continuidade como se dão os phenomenos capillares?

—Tomemos o liquido na ultima cellula da raiz e vejamos, como elle sobe. Dá-se a *endosmose* entre o liquido contido na celula e agua do solo, a porporção que a agua entra para a celula começam os phenomenos capillares; a endosmose faz o liquido passar atravez das membranas das cellulas, a capillaridade faz com que elle suba e chegue a extremidade superior do vaso. Assim de cellula em cellula o liquido absorvido pelas raizes sobe até a extremidade do vegetal, dissolvendo as substancias plasticas contidas nos vasos que vai atravessando, e quando chega as folhas, aos orgãos da respiração da planta, a seiva bruta é elaborada.

—E o movimento da seiva não cessa, não chega um momento em que o liquido de todas as cellulas tenha igual densidade?

—Não, a elaboração da seiva isso é, a acção do ar atmosphérico sobre os liquidos absorvidos pelas raizes contendo materias diversos chamados *seiva bruta*, modifica as suas qualidades, dá-lhe propriedades nutritivas, fixa elementos de que necessita, e desprende

outros se não prejudicaes ao menos iuteis a vida vegetativa. A seiva bruta assim elaborada, vivificada pelo ar atmosphérico, como é o sangue venoso nos animaes, vai ser assimilada, isso é, se unir a materia organizada. Reparando as perdas de todo o organismo vegetal, creando novos tecidos a seiva circula subindo e descendo regeitando ao mesmo tempo as materias de que não necessita para os trabalhos da vida organica.

—E a seiva tambem desce?

—O que se observa nos animaes se observa nos vegetaes. Nos animaes superiores a circulação é dupla, nos inferiores é simples; nos vegetaes superiores a circulação da seiva é dupla, *ascendente e descendente*, nos inferiores é simples, é apenas *ascendente*.

—E como provar que a seiva tem movimento descendente?

—Nada mais facil. Aproximemos-nos d'aquelle cajueiro. A seiva sobe pela parte interna do lenho e desce pelo cortical ou casca. Vou ferir a arvore. Vê que do bordo superior da ferida gotteja a seiva ao passo que do bordo inferior nem uma gotta! Se a seiva só tivesse movimento ascendente tu verias salir o liquido do bordo inferior da ferida e nunca do bordo superior.

—E quaes as substancias excretadas pelas plantas?

—As rezinas, as gomas, as ceras etc. O cajueiro dá uma excellente gomma que serve de colla; a nossa carnaubeira excreta de suas folhas um producto cerifero, sob a forma de um pô branco, que depois de fundido ao fogo se transforma na cera amarella do carnaubeira tão conhecida de todos nós.

A noite começava a cahir quando voltamos á casa.

Alto da Bonança.  
Setembro de 1887.

RODOLPHO THEOPHILO.

## ANNUNCIOS

**Motta Vieira & C.<sup>a</sup>**

88--M jor Facundo--88  
FORTALEZA

Importadores e exportadores

### CAFE JAVA

NO ELEGANTE KIOSQUE

DA

**Praça do Ferreira**  
Em frente ao paço municipal.

Café fabricado a capricho.  
Chocolate unico, como só aqui se fabrica.

Cerveja fria.

Charutos finos e cigarros fabricados especialmente para o

CAFE' JAVA

Manoel Pereira dos Santos.

**GUILHERME ROCHA & C.<sup>ia</sup>**

Drogaria



Drogaria

17 RUA FORMOZA N.º 17

**SILVA CARNEIRO & C.**

**Importadores**  
CASA DE COMMISSÕES

ARMAZEM DE ESTIVAS

### MERCEARIA

Generos de superior qualidade por todos os vapores, directamente.

Sortimento de vinhos finissimos.

Rua Formosa-72

### ALFAIATARIA

DE

OLEGARIO A. DOS SANTOS

**Praça do Ferreira n.º 54**

Obras feitas, batinas, capas, roravias e um grande sortimento de obras francezas e roupas por medida.

### J. WEILL & C.<sup>a</sup>

A mais antiga casa de JOIAS desta provincia tem sempre escolhido sortimento de tudo que diz respeito a

### JOALHERIA

RELOGIOS de todos os generos  
Compram sempre ouro velho e modas.

### Pharmácia Albano

GRANDE DEPOSITO  
DE

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras.

Sortimento completo de homœopathia em tintura, globulos e cartei-ras. Receitas a qualquer hora. Preços modicos.

36—RUA DA BOA-VISTA—36  
CEARA'

0—RUA DO MAJOR FACUNDO—70

## LIBERTADORA

48--Rua da Boa-Vista--48

Este immenso estabelecimento sem duvida é o mais notavel na provincia, e que com o systema adoptado até hoje, de vender com insignificante lucro, e servir a todos os seus freguezes com rigoroso cmero, conquistando; assim, a mais plena confiança; recebe-se mensalmente de Pariz o que ha de primoroso em FAZENDAS, MODAS E NOVIDADES

Vende suas mercadorias por preços quasi impossiveis, merecendo assim a **Popularidade e sympathia** do muito illustrado publico cearense,--especialmente das Exm.<sup>as</sup> Sras.

Contando cinco annos de existencia este notavel estabelecimento, cujas vantagens são aliás reconhecidas por seus proprios collegas, seus proprietarios não tem poupado esforços para melhorar cada vez mais o seu systema em proveito geral, tendo sempre sortimento profuso e escolhido de tecidos do mais apurado gosto e novidade.

# A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO II

GERENTE—MANOEL DE OLIVEIRA PAIVA

N.º 1

FORTALEZA, 15 DE JANEIRO DE 1888.

## SUMMARIO

Expediente ;  
A QUINZENA ;  
Apontamentos sparsos — JOSÉ CARLOS JUNIOR ;  
O mimo de rosas.—V. R. ;  
Naturalismo.—GILBERT ;  
O suicidio como consequencia da falta de convicção.—R. DE FARIAS BRITO ;  
A volta das andorinhas.—OLIVEIRA PAIVA ;  
A proposito de uma anedocta.—SYLVIO ;  
Pelo mundo artistico ;  
Aos nossos assignantes ;  
Aviso ;  
Annuncios.

## EXPEDIENTE

### Assignaturas

#### CAPITAL

Anno . . . . . 68000  
Semestre . . . . . 480

Não se acceitam assignaturas para menos de um semestre.

#### ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 36

## A QUINZENA

Completa hoje A QUINZENA o primeiro anno de existencia.

Periodo muito curto na vida da imprensa um anno é, contudo, decurso bastante longo para uma folha do genero desta, no nosso meio mais do que hostile, indifferente á vida litteraria.

Demanda pouco tempo e trabalho fazer a estatistica dos que lêem entre nós, negligenciado,

é claro, o numero avultadissimo dos que se delectam com os romances de Escrich e Paulo de Kock, as selectas de recitativos e as discussões da imprensa diaria.

E não é destes q' deve uma publicação puramente litteraria, feita de boccados de bellas lettras e ensaios scientificos, esperar animação e auxilio expontaneo, gostosamente prodigalizado.

Só por isso pode-se avaliar quanto esforço custou não deixar morrer a primeira revista litteraria que no Ceará se arriscou a lutar pela vida, desarmada completamente, protegida apenas pela boa vontade tenaz e fervorosa de meia duzia de temerarios, pontuadas as suas esperanças

nessa intuição de progresso, tanta vez revelada em diversas manifestações da vida da sociedade cearense.

Nas linhas com que apresentamos A QUINZENA ao publico, a 15 de Janeiro de 1887, deixamos claramente expressa a segurança com que confiavamos fosse vencido pelo espirito progressista da população o indifferentismo que não podia deixar de existir pelo movimento litterario, que mal nos alcança como repercussão quasi insensivel, fracamente transmettida de outros centros longiquos.

E não nos enganamos. A modesta revista do *Club Litterario* viveu, difficilmente é certo, mas viveu, apesar de não ter podido tomar a orien-

tação que lhe convinha e convem, da qual depende sua melhor accitação e popularisação.

Com a organização que tem A QUINZENA póde conquistar elementos de estabilidade. Assim passem por certa modificação os moldes adoptados até aqui, os quaes, confessamos, não são exactamente os que estavam nos nossos intuitos.

Tornar a folha mais variada, distribuir pelas suas paginas mais abundante copia de assumptos, tornar menos frequentes as producções de longo folego ou amenisadas, dosando-as de maneira a não sacrificarem outras mais appetecidas, vai ser o nosso empenho.

Com tal proposito solicitamos a continuação do favor com que temos sido coadjuvados até hoje, e que d'aqui agradecemos sinceramente.

E' quanto nos basta para assegurar a continuação da despretenciosa folha que póde ser de futuro valente nucleo das brilhantes irradiações de melhores talentos.

### Apontamentos esparsos

Tenho como verdade incontestavel que em nossa litteratura, ainda embrycnaria, o romance está quasi por se crear. Alguns vultos, que salientaram-se ha tempos neste genero, pertencem á época em que era fraquissimo, insignificante o papel representado por elle na evolução litteraria.

Até poucos annos passados ainda não havia no Brazil um romance publicado, ao qual se podesse attribuir a importancia, que as producções dessa natureza tem actualmentemente. Caracterisava aos poucos, que possuíamos, a extrema ligeireza, a ténuidade dos esforços e ausencia completa de tendencias ou, melhor, de convicções, com que degenerava ou desinhava então o romance francez.

Em quanto os Feval e os Montépin mantinham no discredit esse genero de litteratura, não era grande a falta que elle nos fazia. Hoje, porém, que o romance entrou em uma phase completamente diversa, que passou a merecer a attenção de profundos pensadores e adquiriu uma densidade e uma importancia de que a melhor parte do publico já não lhe permite prescindir; hoje que sabios como George Ebers, philosophos como Tolstoi recorrem ao romance ou consagram-lhe uma boa parte de suas vigílias, poetas de reputação firmada como Theuriet, Maupassant, Bourget, trocam o soneto pela novella, o poema pelo romance, parece que já era tempo de possuímos verdadeiro romance, que tivesse alguma cousa de brasileiro e acompanhasse de perto a expansão que tem tido o genero nas melhores litteraturas.

Temos já romance naturalista e reputação litteraria assás brilhante, conquistada a seguir os passos dos grandes chefes do realismo. Falta-nos porém acurado estudo do nosso paiz e das nossas cousas para que o romance realista brasileiro tenha um cunho de originalidade e não seja a imitação mais ou menos servil de Zola ou dos Goncourt, mudadas apenas as decorações ac-

cessorias.

Seja-me perdoada a temeridade desta assorção que tenho por verdadeira. Todos os trabalhos litterarios, que conheço no Brazil, mais ou menos vados em moldes realistas, peccam por falta de analyse.

Os estudos limitam-se aos phenomenos, sem remontar ás causas, ou, por outra, tem se applicado á nossa sociedade o resultado de observações feitas em sociedades muito diferentes, quando o que cumpria fazer ainda era começar as observações e os estudos que podiam levar a resultados diferentes.

Em uma sociedade em via de composição como é a das nossas cidades principaes, formada, mais que nenhuma outra, de elementos heterogeneos, hão de achar-se por certo muitos dos caracteres e dos vicios das sociedades europeas, a nevrose em suas multiplas manifestações, o *cant*, o pessimismo etc. A procedencia, porém, já não é a mesma, o estudo devo ser diverso e esses phenomenos são incidentes e excepcionaes. As suas causas puramente locais.

Só quando os romancistas brazileiros começarem a explorar a mina quasi virgem ainda dos costumes do interior, deixarem as cidades e o littoral, onde falta a originalidade para ir estudar e revelar a vida dos centros, das villas e povoados, engenhos e fazendas, o homem em contacto immediato com a natureza, com essa natureza horrorosamente grande e rica, fatalmente bella e prodiga, que nos esmaga com as suas caricias que, á força de ser-nos propicia, vae nos enfraquecendo; só depois de ter-se estudado a acção directa do meio physico, do clima, da natureza sobre o homem, é que se

podera com segurança tratar dos phenomenos sociaes, acompanhar o desenvolvimto dos factos que determinam a actual ordem de cousas.

A psychologia do individuo, que vive a braços directamente com a natureza, é que deve ser o ponto de partida. Depois então applicuem-se os mesmos processos á sociedade, discriminando-se os elementos adventicios, para se ter idéa firme sobre a nossa nevrose nacional.

No Brazil a acção da natureza sobre o homem geralmente é morbida, acabrunhadora; ella tira-lhe as forças. inhabilita-o para a lucta. A natureza é pujante; por isso o homem é mesquinho. A noticia dos commettimentos, das emprezas, do movimento ascencional do espirito humano, o contacto com o estrangeiro, a visita á Europa, os livros, tudo isto excita-nos o espirito, accende-nos idéas e ambições que nos põem o cerebro em encandescencia mas que yem naufragar no escolho ineluctavel da fraqueza apathica e morbida que nos incutiu a natureza.

Eis a nossa nevrose nacional, eis a razão do descalabro geral de que todos nos queixamos.

Eis tambem um campo vasto para desenvolver-se a escola naturalista brasileira.

Os modernissimos escriptores francezes, notadamente Maupassant, Daudet, Bourget tem feito nos seus romances larga parte á natureza, ao meio physico. Flaubert e mesmo os Goncourt pouco se preoccupavam disto. Zola o faz accidentalmente. Em compensação era esta uma das maiores preoccupações de Turgue-neff e seus imitadores e de quasi todos os realistas slavos.

JOSÉ CARLOS JUNIOR.